

AUSTIN/AGOSTINI: PANDEMIA TROUXE QUEDA GENERALIZADA NO PIB GLOBAL, MAS 2º TRI FOI FUNDO DO POÇO

Por Daniela Amorim, Mariana Durão e Vinicius Neder

AE NEWS - Rio, 01/09/2020 - O sincronismo dos impactos da pandemia de covid-19 em todo o mundo fez com que o ranking internacional de desempenho da atividade econômica elaborado pela **Austin Rating** tivesse uma concentração inédita de quedas do Produto Interno Bruto (PIB). Segundo o economista-chefe da agência de classificação de risco e responsável pelo levantamento iniciado em 2008, Alex Agostini, nem mesmo durante a crise financeira de 2009 tantos países ficaram no vermelho ao mesmo tempo.

Na lista de resultados do segundo trimestre de 2020, apenas China (+11,5%) e Índia (+0,7%) aparecem no azul dentre 48 países. Epicentro inicial da covid-19, o gigante asiático na prática recuperou o tombo de 10% registrado na economia no primeiro trimestre, como efeito do impacto antecipado da doença em relação ao resto do globo.

A **Austin** avalia que o segundo trimestre foi o fundo do poço da recessão global detonada pela covid-19 e enxerga o início de uma recuperação já no terceiro trimestre. “Não vai ter força infelizmente para anular a queda do primeiro semestre, mas vai ser interessante para amenizar o impacto e pavimentar o crescimento para 2021, que ainda assim será pequeno”, diz Agostini.

Mesmo com uma queda de 9,7% do PIB na margem, o Brasil ficou na 22ª posição. Empatado com Alemanha e Tailândia no 22º lugar do ranking, o País ficou logo à frente de uma lista eclética de países como Bulgária (-9,8% no segundo trimestre de 2020 ante o primeiro trimestre), Ucrânia (-9,9%), Áustria (-10,7%), Turquia (-11,0%) e Canadá (-11,5%), entre outros. E imediatamente atrás dos Estados Unidos de Donald Trump, onde o PIB caiu 9,1% no segundo trimestre de 2020.

Para Agostini, o fato de o Brasil estar no meio da tabela, após ter ocupado a lanterna por diversas vezes no período recente, sugere que medidas da equipe econômica como o auxílio emergencial, redução dos juros e liberação de liquidez ao sistema financeiro pelo Banco Central surtiram algum efeito.

“Poderia ter sido pior. Mas o País ainda sofre com problemas domésticos antigos. O que faz o Brasil não deslanchar é a questão fiscal e isso não é segredo para ninguém”, diz Agostini.

O desempenho da economia brasileira foi ligeiramente superior à média global no trimestre, de -9,9%, mas abaixo da média dos BRICs - Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul -, de 0,8%, impulsionada pela economia chinesa. O País ficou atrás de outros mercados emergentes, como Hong Kong (-0,1%), Taiwan (-1,4%) e Coreia do Sul (-3,3%), o que sinaliza desvantagem na competição por investimentos.

“Há perspectiva de melhora no segundo semestre, mas o governo brasileiro começa a flertar com uma postura assistencialista, o que não é saudável para um País que há seis anos registra déficit primário”, afirma Agostini, destacando que as incertezas no ar contribuem para a estimativa do mercado de um crescimento de apenas 3,5% para 2021, ante 5,9% na média para os BRICs.

